



**O TERREIRO DE RITUAL SAGRADO DA BOA VISTA E SUAS  
PRÁTICAS HÍBRIDAS E PLURAIS NA RELIGIÃO INDÍGENA DO  
POVO XUKURU DO ORORUBÁ**

THE BOA VISTA SACRED RITUAL TERREIRO AND ITS HYBRID AND  
PLURAL PRACTICES IN THE INDIGENOUS RELIGION OF THE XUKURU  
PEOPLE OF ORORUBÁ

*Constantino José Bezerra de Melo\**

**RESUMO**

Neste artigo, analisa-se a maneira como o povo Xukuru do Ororubá estabeleceu relações híbridas religiosas na formação da Religião do Ritual Sagrado no território indígena. Os índios, membros do Terreiro da Boa Vista, trabalham permanentemente com o conceito do Bem Viver dos povos andinos, desenvolvendo práticas socioambientais e religiosas plurais que contribuíram em longo prazo para o processo de reelaboração religiosa dos espaços sagrados no território, como também para o ativismo da consciência socioambiental. Os dados apresentados foram coletados durante a pesquisa de campo realizada para tese de doutorado sobre a Religião Indígena do Ritual Sagrado no território indígena Xukuru do Ororubá. Ela ocorreu durante os anos de 2017 e 2018 no Terreiro da Boa Vista, localizado na Aldeia Couro Dantas no município de Pesqueira (PE). A metodologia foi elaborada a partir do levantamento dos dados por meio das observações de campo dos Rituais Sagrados e entrevistas com índios participantes do Terreiro, além de observações das ações de práticas socioambientais e religiosas desenvolvidas, como o Urubá Terra – encontro de agricultura e partilha de sementes tradicionais – e o Encontro dos Sábios: Lonji Abaré (poder de observação). Nestes encontros, observou-se que os indígenas defendem que a agricultura possui uma dimensão sagrada. Como resultado da pesquisa no território indígena, pretende-se demonstrar como os índios participantes do Ritual Sagrado, a partir do processo de hibridação cultural estudado por

---

\*Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.



Néstor Canclini, desenvolveram práticas religiosas inclusivas e pluralistas que contribuem para a superação da crise ambiental, a qual reverbera há mais de um século na região.

**Palavras-chave:** Diálogo intercultural; Híbridação religiosa; Modo do bem viver; Pluralismo religioso.

## **ABSTRACT**

How the Xukuru people of Ororubá established religious hybrid relations in the formatting of the Religion of the Sacred Ritual in the Indigenous territory, is analyzed throughout this article. The indians, members of the Boa Vista Terreiro, continually work with the concept of the Andean people's well – being, developing social-environmental and religious plural practices that, on the long run, have contributed to the process of religious re-elaboration of sacred spaces in the territory as well as the social-environmental conscience activism. The data presented was gathered in the course of the field research carried out for the doctorate dissertation on the Indigenous Religions Sacred Ritual in the Ororubá Xukuru Indigenous territory. It took place during 2017 and 2018, at the Boa Vista Terreiro, in Couro Dantas indigenous village in Pesqueira county (PE). The methodology was elaborated from data collected through field work observation of Sacred Rituals and interviews with the Indians, Terreiro participants, in addition to observations of social-environmental actions and religious practices developed as Urubá Terra: Agricultural meeting and traditional seed sharing and the Meeting of the Wise: Lonji Abaré (power of observation). In these meetings we have observed that the Indigenous support the idea of a sacred dimension of agriculture. As a result of studies in the Native territory, we intend to demonstrate how participants of the Sacred Ritual, from the cultural hybridization process studied by Néstor Canclini, have developed inclusive and pluralistic religious practices that contribute to overcoming the environmental crisis that reverberates in the region for over a century.

**Keywords:** Intercultural dialogue; Religious hybridization; Well being way of living; Religious pluralism.

## **1 O POVO XUKURU DO ORORUBÁ**

O território indígena do povo Xukuru do Ororubá corresponde a 27.555 hectares, localizado entre os municípios de Pesqueira e Poção, em Pernambuco. Os índios estão organizados em 24 aldeias, além dos que vivem em bairros na cidade de Pesqueira, como Caixa d'Água e Xucurus.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística registra que Pernambuco possui uma população de 53.824 pessoas autodeclaradas indígenas, sendo 3.665 índios que vivem na capital e 49.619 em outros municípios (IBGE, 2012a). O povo Xukuru do Ororubá apresenta uma população de aproximadamente 12.471 índios (IBGE, 2012b).

Segundo as pesquisas do historiador Edson Silva (2008), os índios Xukuru foram aldeados por volta de 1654, uma vez que a coroa portuguesa doou terras aos senhores de engenho do litoral para criação de gado. A pesquisadora Maria Medeiros (1993) afirma que, a partir de 1688, conforme gravado em um documento histórico, há o registro de currais de gado que eram administrados há mais de 10 anos por um padre oratoriano.

Os índios Xukuru do Ororubá são marcados pela mobilização de sua organização social para luta e retomada das terras das mãos dos fazendeiros invasores. A violência, a perseguição e o assassinato foram as armas usadas pelos latifundiários da região.

A partir do momento em que esse povo indígena assumiu a luta pelas terras tradicionais, foi construído um histórico de morte com os seguintes assassinatos: o filho do Pajé, em 1993; o Procurador da Funai, Geraldo Rolim, por apoiar a luta indígena, morto em 1995; o cacique Xikão, em 1998, Chico Quelé, liderança política, em 2001; Josenildo José dos Santos e José Adeilson Barbosa da Silva, em 2003 (SOUZA, 2007, p. 142).

Os índios nunca revidaram a bala pela bala, mas lutaram através das leis, retomando fazenda por fazenda as terras invadidas. Com o diálogo intercultural e inter-religioso, formaram alianças plurais com instituições, universidades e ONGs que defendem os direitos humanos e as causas de justiça social.

Um marco no processo de luta foi a retomada da Aldeia de Pedra d'Água em 1990, considerada uma área importante para os indígenas, pois nela está localizada "A Pedra do Rei", espaço sagrado que funda a Religião do Ritual Sagrado. Em 06 de janeiro, é realizado no alto do Terreiro de Ritual a "Festa de Reis"; em maio, ocorre a abertura da "Assembleia Xukuru"; e, em outubro, é festejado o "Dia das Crianças".

As retomadas são ações políticas que visam a autonomia territorial dos povos indígenas, mas também incorporam elementos da religiosidade, seja como elemento aglutinador, seja pela relação que os índios tem com o território (SANTOS, 2008, p. 36).

Francisco de Assis Araújo, conhecido como Cacique Xikão, foi um dos líderes de grande destaque no processo das retomadas das terras. Enquanto liderança, conseguiu unir os índios em torno do sentimento de pertença étnica e de luta pelos

direitos constitucionais propostos na recém-criada Carta Magna de 1988. Organizou o seu povo através de uma Comissão Interna constituída em 1992, representada por 12 lideranças das 23 aldeias (OLIVEIRA, 2018).

Em 20 de maio de 1998, o Cacique Xikão foi assassinado no bairro Xucurus, em Pesqueira, a mando dos invasores das terras. Para a religião indígena, ele foi “plantado” no Cemitério da Aldeia Pedra d’Água e passou por um processo de “Encantamento” e se metamorfoseou no “Cacique Encantado Mandaru”, que continua a habitar a Serra do Ororubá e lutar pelos direitos do povo. É um “encantado” celebrado nos Terreiros de Ritual de todo o território indígena.

## **2 A RELIGIÃO INDÍGENA DO POVO XUKURU DO ORORUBÁ**

A religião indígena do povo Xukuru do Ororubá foi reelaborada a partir da retomada da Aldeia Pedra D’água. A Constituição de 1988 permitiu aos índios a mobilização pelo direito à terra e à liberdade religiosa e o direito de cultuar os seus antepassados e a natureza sagrada, devoção esta proibida e perseguida pelos invasores das terras.

Os terreiros de Ritual Sagrado foram organizados a partir de 1990. Anteriormente, só havia celebrações realizadas de forma velada e por poucos índios com medo da perseguição e repressão dos invasores das terras. Durante entrevista, o índio Iran Neves informou da existência dos seguintes terreiros no território indígena: Terreiro Mãe da Pedra d’Água, Terreiro de Caípe, Terreiro de Caetano, Terreiro da Vila de Cimbres, Terreiro de Cajueiro, Terreiro da Sucupira, Terreiro da Boa Vista, Terreiro de Capim de Planta, Terreiro Pé de Serra, Terreiro Passagem, Terreiro Pão de Açúcar, Terreiro Pau Ferro e Terreiro Brejinho. Porém, apenas três terreiros possuem práticas religiosas semanais: Terreiro da Boa Vista, Terreiro da Vila de Cimbres e Terreiro da Boa Vista.

O Ritual Sagrado é uma religião indígena formada pelos índios Xukuru do Ororubá, marcada pelo poder da resistência e das retomadas. A sua composição híbrida é o resultado dos cruzamentos, das rupturas e das justaposições com reelaborações religiosas nas fronteiras, nos diálogos e nos encontros com a religião católica romana, espírita, afro-brasileira e de outras tradições indígenas – interétnicas (CANCLINI, 2015; GEERTZ, 2013).

O Ritual Sagrado é realizado nos Terreiros, espaços sagrados, que são abertos nas matas da Serra do Ororubá sob a orientação dos “Encantados de Luz” e do Pajé Pedro Rodrigues Bispo, conhecido como “Seu Zequinha”.

No centro do Terreiro, encontra-se o peji<sup>1</sup>, feito na base com pedras e coberto com palha. Dentro do altar, são acesas as velas e ofertadas as flores, o mel, as pipocas e os doces. Também é depositada a panela de barro com a jurema, bebida sagrada preparada pela liderança do Terreiro. Tal estrutura pode ser observada na fotografia a seguir:

Fotografia 1 – Peji, altar sagrado do Terreiro da Boa Vista



Fonte: arquivo pessoal do autor, 2018.

O Ritual Sagrado começa com as orações do Pai Nosso, a Ave Maria e a Salve Rainha. Na sequência, os pontos<sup>2</sup> são cantados e segue o Toré em forma circular pelo Terreiro. Há paradas em frente ao peji para as orações, enquanto o Toré segue. Na frente do peji, dá-se o início do cantar dos pontos para o transe dos “Encantados” das

<sup>1</sup> O termo peji foi hibridizado pelos índios do universo simbólico das religiões afro-brasileiras. Na religião do Ritual Sagrado foi reelaborado para nomear o altar onde são realizadas as ofertas aos “Encantados de Luz”.

<sup>2</sup> Os “pontos” são músicas cantadas em devoção aos “Encantados de Luz”. Também são nomeados por outros povos indígenas de Pernambuco como toantes, toré. Nas observações das práticas religiosas nos Terreiros Xukuru do Ororubá registramos o “ponto” como expressão mais recorrente.

águas, das matas, das lajes, dos caboclos do Ororubá, dos orixás “reelaborados”. Algumas vezes, os presentes são consultados; outras vezes, recebem bênçãos e orações sobre suas cabeças. Todo o Ritual termina com uma última circulada do Toré no Terreiro e uma oração de encerramento.

Desta forma, afirma-se que o Ritual Sagrado é uma religião plural, inclusiva e dialógica, forjada na abertura dos Terreiros durante os processos de mobilização política e social dos índios, que tinham por objetivo retomar as terras das mãos dos invasores. Como resultado dessas mobilizações sociopolíticas, a terra indígena Xukuru do Ororubá foi homologada em 2001, e a desintrusão dos posseiros ocorreu nos anos seguintes (LIMA, 2013).

### **3 O TERREIRO DA BOA VISTA NA ALDEIA COURO DANTAS**

A Aldeia Couro Dantas está localizada numa região montanhosa, ao Norte de Pesqueira, nomeada pelos indígenas como a Região da Serra (CISXO, 2012). O Terreiro da Boa Vista, apresentado na fotografia a seguir, é o espaço sagrado da Aldeia Couro Dantas, que foi retomado da mão dos fazendeiros invasores em 2002.

Fotografia 2 – Terreiro de Ritual Sagrado da Boa Vista



Fonte: arquivo pessoal do autor, 2017.

Segundo o índio Iran Neves Ordônio, liderança religiosa do Terreiro, o espaço sagrado era situado em 2012 na mata da Aldeia Couro Dantas, sendo reativado por um “Coletivo” que se comprometeu a zelar pelo Terreiro da Boa Vista junto às forças dos “Encantados de Luz” (ORDONIO, 2017).

Na Aldeia Couro Dantas, o Terreiro de Ritual é marcado por uma prática política e religiosa de ativismo ambiental, fundado pelo diálogo intercultural e inter-religioso em defesa da mãe Natureza e de toda a sua biodiversidade. As práticas religiosas desenvolvidas no Terreiro estão voltadas para a materialização do “Encanto”; a Natureza e a mata são deificadas (MELO, 2019). Abaixo, é transcrito um canto de Toré, elaborado no Terreiro da Boa Vista na mobilização pela preservação da mata sagrada:

E Viva a Mata e Salva a Mata

Quero ver como é que é

A Mata viva a Mata verde

Vamos deixar a Mata em pé

E Viva a Mata e Salva a Mata

Dela vamos preservar

E nossa Mata é sagrada

Abriga a Força Encantada

Reinado do Ororubá

(Coletivo Terreiro da Boa Vista) (MELO, 2019, p. 242).

Para a índia Renata Hora Barros (2017), o Terreiro na religião indígena “é um espaço de tranquilidade, de pensamento, de cura, de libertação. É um espaço de paz”. Ela afirma que é nesse espaço sagrado “[...] que os ‘Encantados’, entidades dos nossos antepassados, trazem luz e vem nos orientar, nos guiar” (BARROS, 2017).

O Pajé Pedro Bispo, “Seu Zequinha”, corroborando com a assertiva de Renata Hora, reconhece que, na cosmovisão religiosa do povo Xukuru do Ororubá, quem protege, orienta e cuida dos indígenas e de suas mobilizações e conquistas sociais e políticas:

É o Encantado de Luz, é aquele espírito bom... é o espírito bom né?! Porque tem o espírito mau, e tem o espírito bom. É aquele de luz é o espírito bom. Se ajuda a pessoa, tira a pessoa da, do... daquele mau caminho. Livra a pessoa, tando no alcanço dele num é?! (BISPO, 2017).

O índio Iran Neves Ordônio<sup>3</sup> coordena o “Coletivo do Terreiro”. O grupo é responsável pela organização, cuidado e manutenção de todas as práticas religiosas no Terreiro da Boa Vista, incluindo também os movimentos de intervenção para a educação e preservação ambiental, como o Urubá Terra e o *Lonji Abaré*. Dialogam como aliados e parceiros destes encontros a Universidade Federal de Pernambuco, a Universidade Federal da Paraíba, a Universidade de Pernambuco, a Universidade Federal Rural de Pernambuco, o Instituto Federal de Pesca, o Conselho Indigenista Missionário, ONGs, estudantes, professores e pesquisadores que lutam pelo respeito e direitos dos povos tradicionais e pela defesa do meio ambiente.

A área do “Complexo” do Terreiro da Boa Vista corresponde ao total de 25 hectares da terra coletiva. Sendo de 15 hectares a área do Terreiro de Ritual, “com mais 10 hectares lá da casa, da barraca do bem viver até a porteira de acesso ao Terreiro, fica 25 hectares” (ORDONIO, 2017).

[...] um circuito de ritual, de sagrado, uma complexidade. [...] E a nossa meta é ir ampliando né... Ir ampliando, aquilo que as pessoas chamam de corredores ecológicos. Digamos pra não ficar uma área preservada aqui, outra área lá, pra ela juntar. Nossa meta, talvez eu nem consiga ver isso, mas minha meta é o Terreiro aqui ser conectado com o Terreiro lá em Caetano através da Matas; os corredores sagrados (ORDONIO, 2017).

O Terreiro da Boa Vista é assim compreendido como um complexo sagrado, um microcosmo religioso em construção dividido em várias áreas: a Barraca do Bem Viver, a Sementeira, a Casa das Sementes, a área de Apresentação com os dois

---

<sup>3</sup> Formado em Agronomia, realizou no Curso de Mestrado em Ciência do Solo na Universidade Federal Rural de Pernambuco a pesquisa sobre as “Propriedades de três amostras de solos da Zona da Mata de Pernambuco sob a aplicação de carbonato de cálcio e magnésio e sulfato de cálcio” em 2004 (MELO, 2019).



pontos de força, o Terreiro e o Peji, a casa da Cura, a maloca da Laje dos Caboclos, a Laje dos Caboclos e o Cruzeiro (que será construído a posteriori). Para Iran Neves, estes espaços encarnam a materialização do sagrado, o que Maurice Halbwachs (2013) referenda como uma topografia religiosa da materialização da memória coletiva deste povo.

#### **4 O URUBÁ TERRA: ENCONTRO DE AGRICULTURA E PARTILHA DE SEMENTES TRADICIONAIS**

Todos os anos, quase sempre em novembro, Iran Neves organiza, com a participação dos membros do Coletivo do Terreiro da Boa vista, o “Urubá Terra: encontro de agricultura e partilha de sementes tradicionais”, que tem por objetivo defender a “mãe natureza”, estimulando os estudos e as pesquisas dos saberes e fazeres dos índios Xukuru do Ororubá no trato com a terra e sua relação com o sagrado.

No Urubá Terra, encontra-se o modo do Bem Viver Xukuru do Ororubá, inspirado e dialogando com o pensamento plural de vida dos povos andinos, como afirma o pesquisador Cledes Markus:

Refere-se a um modelo de relações de equilíbrio e reciprocidade entre todas as formas de vida existentes na natureza, concebendo-as todas como sujeitos. O Bem Viver é a concretização do ideal do equilíbrio cósmico, comunitário e pessoal. O valor da vida é o maior dom e é buscado não somente para as pessoas, mas também para as plantas, para os animais e para a Terra. O intercâmbio e a reciprocidade entre as diferentes formas de vida que se expressa na comunhão com o outro valor fundamental enfatizado no Bem Viver (MARKUS, 2013, p. 101).

Em 2017, durante a Festa das Crianças no Terreiro da Boa Vista, Iran Neves esclareceu que os índios necessitam trabalhar com a dimensão espiritual da agricultura, pois ela, além de carregar as sementes que alimentarão o povo com a produção de alimentos, contém também o princípio da resistência e da luta em defesa da “Mãe terra” e da manutenção dos direitos sociais e políticos conquistados.

Essa agricultura, ela tem esse objetivo de dar autonomia, porque autonomia sem produção, autonomia dependendo de supermercado, não é autonomia, ela está frágil. Então, a gente vem pra complementar essa parte da revolução que foi a luta territorial, mas **uma agricultura** que produz alimentos, mas que produz luta, resistência, ela **alimenta**

**o corpo, mente e espírito. E é uma agricultura que cura.** Ela cura porque ela vem a fortalecer esta relação de respeito, de harmonia, de zelo e proteção com a natureza. Então, é uma cura no sentido não só da planta, que tem o seu princípio ativo, que o chá vai curar a dor de cabeça, a dor de barriga, uma série de enfermidade (ORDONIO, 2017, grifo nosso).

O Urubá Terra promove no Território Indígena, por meio da apresentação de mesas temáticas e oficinas, uma reflexão crítica sobre a condição do “Ser Xukuru” e sua relação com o modo de vida tradicional, possibilitando a compreensão da terra indígena como bioma e deidade que nutre e protege o povo.

## **5 O ENCONTRO DOS SÁBIOS: LONJI ABARÉ (PODER DE OBSERVAÇÃO)**

No Encontro dos Sábios *Lonji Abaré*, é comunicada a leitura da barra do tempo, feita nos primeiros dias de janeiro, na qual a natureza revela como será o período das chuvas no ano corrente. Os índios e índias levam sementes para serem trocadas ou partilhadas, formando um grande banco de sementes nativas do povo.

A expressão *Lonji Abaré* significa para os índios Xukuru do Ororubá o “poder de observação”. O encontro dos sábios é organizado no formato de um círculo de partilha da palavra. Todos os indígenas participantes podem fazer o uso da palavra e comunicar os seus conhecimentos. Há uma circularidade de saberes. As relações são plurais e tecidas de forma democrática no processo de compartilhamento. As crianças também podem fazer o uso da palavra, revelando sua capacidade de observação da natureza (*Lonji Abaré*).

Um relato interessante foi da agricultora “Bela” grávida, falando da importância das parteiras no território indígena e do desejo de também aprender com as índias “mais sábias”. Na sequência, a agricultora Dona Maria (Aldeia Vila de Cimbres) relatou como aprendeu a ler a Natureza com a mãe. Falou sobre o movimento das formigas: ‘Elas saem dos seus formigueiros e vão procurar folhas próximo ao período de chuvas. Muitos ‘besouros’ vão aparecendo no território porque a chuva está chegando’ (MELO, 2019, p. 269).

O Encontro dos Sábios do povo, realizado anualmente, permite uma comunicação entre os indígenas de várias aldeias, cada um expressando sua forma de “ler a natureza” e reafirmando a promessa de respeitar e preservar a terra enquanto representação da “Mãe natureza”.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os índios e as índias que formam o Terreiro da Boa Vista desenvolvem um trabalho plural e dialógico, aberto e de construção do conhecimento com parceiros e aliados do seu povo. Eles priorizam por meio do diálogo inter-religioso e intercultural o desenvolvimento de uma consciência ambiental de preservação da mata, das nascentes e de todo o ecossistema que compõe a Serra do Ororubá.

O ativismo ambiental é um dos pontos de união dos indígenas no combate a todas as práticas agrícolas que destroem o solo, principalmente as queimadas, as derrubadas e o uso de agrotóxicos nas plantações. A Religião Indígena dialoga constantemente com a natureza: como os índios podem “ofertar uma fruta ao ‘Encantado de Luz’ carregada de escuridão, de veneno? Para cada árvore derrubada no território se destrói a morada de um ‘Encantado’, assim o povo sem proteção perderá seu rumo e cairá nas mãos de novos invasores”.

A Religião Indígena e as práticas religiosas desenvolvidas nos Terreiros de Ritual Sagrado do povo Xukuru do Ororubá são contrárias a qualquer forma de agressão a terra e à natureza, uma vez que, destruindo o bioma da Serra do Ororubá, estão destruindo o “manto sagrado” de Mãe Tamaim ou Nossa Senhora das Montanhas.

O povo Xukuru do Ororubá vem trabalhando dialogicamente em parceria com universidades, centros de pesquisas e ONGs para superar o impacto de séculos de exploração da mão de obra indígena e de destruição da terra na Serra do Ororubá por parte dos invasores. Existe um esforço conjunto do cacique Marcos Luidson, do vice-cacique Zé de Santa, do pajé “Seu Zequinha” e das lideranças de cada aldeia em apontar por meio das mobilizações e organizações sociopolíticas uma nova perspectiva de diálogo intercultural e inter-religioso que contribuam para recuperação e preservação da natureza, colaborando para um processo de ativismo ambiental em defesa do reflorestamento e da “refaunização” da terra indígena.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Renata Hora. *O ritual sagrado*. Set. 2017. Entrevistador: Constantino José Bezerra de Melo. Bairro Xucurus – Pesqueira – PE, 2017. Entrevista gravada em formato MP3.

BISPO, Pedro Rodrigues. *O ritual sagrado*. Jun. 2017. Entrevistador: Constantino José Bezerra de Melo. Bairro Baixa Grande – Pesqueira – PE, 2017. Entrevista gravada em formato MP3.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Ed. 7. São Paulo: EDUSP, 2015.

CONSELHO INDÍGENA DE SAÚDE XUKURU DO ORORUBÁ/CISXO. *Saberes Xukuru: a cura pela natureza sagrada*. São Carlos, 2012.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 7 ed. São Paulo: Centauro, 2013.

INSTITUTO GEOGRÁFICO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA/IBGE. *Censo demográfico 2010: características gerais dos indígenas, resultados do universo*. Rio de Janeiro, 2012a. Disponível em: [http://biblioteca.ibge.gov.br/visualização/periodicos/95/cd\\_2010\\_indigenas\\_universo.pdf](http://biblioteca.ibge.gov.br/visualização/periodicos/95/cd_2010_indigenas_universo.pdf). Acesso em: 19 ago. 2017.

INSTITUTO GEOGRÁFICO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA/IBGE. *Os indígenas no censo demográfico 2010: primeiras considerações no quesito cor ou raça*. Rio de Janeiro, 2012b. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena\\_censo2010.pdf](http://www.ibge.gov.br/indigenas/indigena_censo2010.pdf). Acesso em: jun. 2017.

LIMA, Clarissa de Paula Martins. *Corpos abertos: sobre enfeites e objetos na Vila de Cimbres (T.I. Xukuru do Ororubá)*. 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, 2013.

MARKUS, Cledes. O bem viver indígena e a cosmologia indígena. In: KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves; SOARES, Afonso Maria Ligorio. *Educação e religião: múltiplos olhares sobre o ensino religioso*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 101-123.

MEDEIROS, Maria do Ceu. *Igreja e dominação no Brasil escravista: o caso dos Oratorianos de Pernambuco 1659-1830*. João Pessoa: Ideia, 1993.

MELO, Constantino José Bezerra de Melo. *O ritual sagrado: a religião indígena do povo Xukuru do Ororubá (PESQUEIRA e POÇÃO/PE)*. 2019. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião, Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2019.

OLIVEIRA, Kelly Emanuely de. *Xicão Xukuru*. Os Brasis e suas memórias. 2018. Disponível em: <https://osbrasisesuasmemorias.com.br/xicao-xukuru/>. Acesso em: 10 nov. 2018.

ORDONIO, Iran Neves. *O ritual sagrado*. Jul. 2017. Entrevistador: Constantino José Bezerra de Melo. Bairro Xucurus – Pesqueira – PE, 2017. Entrevista gravada em formato MP3.

SANTOS, Hosana Celi Oliveira. *Dinâmicas sociais e estratégias territoriais: a organização social Xukuru no processo de retomada (UFPE)*. 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

SILVA, Edson. *Xukuru: memórias e histórias dos índios da Serra do Ororubá (Pesqueira/PE), 1950-1988*. 2008. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

SOUZA, Liliâne Cunha de. Doença que rezador cura e o modelo etiológico dos Xukuru do Ororubá. In: *Povos indígenas em Pernambuco: identidade, diversidade e conflito*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2007. p. 137-153.